

QUANDO OS ANIMAIS MENTEM

A mentira, na natureza, é uma arma de sobrevivência. Muitas vezes, na luta contra o predador, a presa só tem chance de escapar se souber mentir bem. É o caso dos camaleões que, graças à pigmentação especial de sua pele, se confundem com o ambiente. Ou de certos caranguejos, que vivem

com a carapaça coberta por algas ou esponjas. Os insetos são especialistas em se fingir de cortiça ou de gravetos no tronco de árvores. Estas e muitas outras formas de mentira atendem por um único e verdadeiro nome científico — mimetismo.

O fenômeno foi estudado pela primeira vez pelo naturalista inglês Henry Walter Bates (1825-1892), que observou o comportamento das borboletas no vale do rio Amazonas. Ele descobriu uma família de borboletas que conseguia escapar dos pássaros tornando-se parecida na forma e na cor com outra família, cujo sabor não agradava às aves. As borboletas apetitosas tratavam de voar, misturadas às outras.

Hoje se sabe que os animais memorizam certos padrões de aparência quando associam determinada presa a um gosto nauseante, ou à dor. Portanto, mentiroso competente é aquele que consegue assumir uma aparência pouco atrativa para o predador.

Existem, porém, casos de automimetismo: animais que imitam outros da própria espécie. Os zangões, por exemplo, quando estão prestes a ser atacados, voam e zumbem como abelhas que, como bem sabem os atacantes, têm ferrões para se defender — se a mentira pega, os zangões se salvam. Nem sempre, contudo, a presa é o mentiroso. Isso acontece no caso clássico do lobo em pele de cordeiro, ou seja, o animal que finge ser manso, se aproxima calmamente de outro com ar de quem não quer nada e sai ganhando uma refeição.

(Superinteressante, n. 4, p. 27)